



Mirar-Imaginar-Vestir

Catálogo de Exposição

A exposição “Mirar – Imaginar – Vestir” parte do desígnio de correlacionar o traje e os comportamentos ligados ao amor e ao matrimónio, concomitantemente fluindo-os com os mundos da criatividade e da expressão artística, do rigor da investigação académica e da exposição e comunicação da práxis museológica.

Proposto pelas artistas (e investigadoras) Dani Remião, Michele Augusto e Elaine Almeida, desde a primeira instância, este projeto identificou-se com a missão e os objetivos do Museu Nacional do Traje, enquanto instituição nacional dedicada à conservação, estudo e valorização do traje e dos têxteis; fundamentado no ensejo de incrementar o conhecimento sobre as coleções do Museu relacionadas com as práticas matrimoniais, visou também enredar os resultados em novas pontes estéticas e a sua (re)apreciação através de linguagens contemporâneas.

Nesta aliança da investigação com a criação, a curadoria da exposição ambicionou ir para além da visualidade material dos objetos museológicos e dos novos objetos autorais; estes evocam memórias individuais e coletivas, mas pretendem também, ou sobretudo, suscitar a reflexão sobre eixos tão caros ao mundo contemporâneo, como os da questão de género, rituais e códigos de conduta associados ao casamento e às vivências familiares, a multiculturalidade, a (re)criação da memória, a valorização da estética do corpo, a produção da autoimagem e sua projeção para o Outro, e como estes vetores permanecem fulcrais na sociedade e na definição do Eu-social. Neste desiderato, o facto de a exposição ser da autoria de artistas-mulheres não é de todo incongruente.

O título composto por três verbos impele a uma atitude. É um convite para “mirar”, “imaginar” e “vestir”, por esta ordem de ideias, mas não necessariamente. Afinal o que é “o vestir” senão uma consciencialização de todos “mirarmos” e “sermos mirados”, de imaginarmos histórias e dar-lhes vida, encarnar e projetar novas personagens?

Ajusta-se às intervenções de três autoras. Cada segmento anuncia a sua visão pessoal e o recurso aos métodos criativos em que cada uma se sentiu mais confortável ou lhe facultaram maior liberdade de expressão. Três autoras, três verbos, três etapas das práticas de enamoramento ou matrimoniais.

Se cada conjunto de obras, per si, pode ter uma leitura autónoma, elas acabam por aproximar-se fisicamente no mesmo espaço expositivo e moldam-se num discurso elaborado pela curadora Cláudia Matoos, que confere uma excecional unicidade à interligação proposta pelos hifens do título da exposição.

Desde a filha Dani Remião que rememora sentimentalmente o amor dos seus pais, que primeiro “miraram-se” enquanto enamorados e depois, sob a proteção de Santo António, se uniram em casamento até a uma pretensa eternidade. Esta felicidade imperecível está anotada nas frases suspensas num “Varal de Afetos Familiares”, qual roupa lavada e estendida ao vento, encenação museográfica que incorpora o nosso ideário sobre a domesticidade feminina.

A memória afetiva da artista é também materializada em objetos visuais que tornam presente a ausência de quem já partiu. Neste decurso, a fotografia é primordial. A fotografia individual ou do par amoroso, que outrora se oferecia como gesto de galanteio com dedicatórias apaixonadas; ou a fotografia de reportagem social que documenta, encena e perpetua o momento único

do casamento. Na sua história, desde cedo, a fotografia executou este papel, primeiramente em recriações no interior do estúdio, depois em reportagens que acompanham a espontaneidade das cerimónias. Mas, em ambas as circunstâncias, a fotografia persegue um estereótipo socialmente aceite, denotado na pose dos retratados que, por sua vez, espelha os limites da afetividade publicamente permitida. Hoje, as fotografias retiradas dos álbuns familiares da Dani Remião e do arquivo fotográfico do Museu Nacional do Traje têm muito para dizer sobre o posicionamento do homem-mulher na relação conjugal, seja pelo porte de cada elemento na composição da imagem, seja na centralidade atribuída ao vestido de noiva (não é ele o principal foco do nosso “mirar”?). A noiva que se “mira” e que quer ser “mirada” consubstancia-se num tule espiralado em torno de um busto, que Dani Remião (re)vestiu com fotografias retrabalhadas a cianotipia. Diálogos entre casais abeirados pela seleção da artista, uns identificáveis, outros já anónimos, mas que propõem interlocuções entre épocas e continentes, quais metáforas visuais de um período em que o matrimónio era base do núcleo familiar e pilar da ordem social.

Esta memória privada do amor pode extravasar para um engrandecimento nacional, quando o atrativo do amor proibido se torna patrimonial e basilar no ideário coletivo. O capricho da menina que “imagina” um dia ser princesa e “viver feliz para sempre” esbarra com a história fática do “Não Casamento” de Inês de Castro, que Michele Augusto tem vindo a explorar a partir das coleções do Museu Nacional do Teatro e da Dança. As mais diversas representações de amores trágicos, em particular o de D. Inês, argumento que inspirou múltiplos artistas, escritores e dramaturgos, dão azo a um quadro multicolorido obtido pela colagem e sobreposição de recortes. A sua amálgama bidimensional contrasta com o efeito translúcido ou a brancura esvoaçante do “Não Vestido de Inês de Castro”, onde um coração luminoso dá sentido à frase do Poeta “Estavas, linda Inês, posta em sossego, / De teus anos colhendo doce fruto, / Naquele engano da alma, ledo e cego, / Que a fortuna não deixa durar muito” (Camões, *Lusíadas*, Canto III). Sob o vestido de noiva, distribuem-se os bagos de arroz, que a tradição popular faz lançar sobre os noivos à saída da igreja, como augúrio da felicidade e da nova vida conjugal (alegoria do formato oval do bago).

Mas nem sempre os “contos de princesas” terminam bem! A alvura da pureza matrimonial intensifica o vermelho dos fios de lã entrelaçados dos “Corações-Relicário” que, aplicados na parede, também assumem uma forma uterina e convocam o sangue, que é “a força do sentimento”, vida e tragédia.

Por fim, do vestido de noiva “mirar-memória-sentimento” do amor familiar, passando pelo vestido de noiva “imaginar-tragédia-invisível” do amor inesiano, o visitante é convidado a “Vestir”, por Elaine Almeida, inspirada na investigação que tem vindo a desenvolver sobre a coleção de vestidos de noiva do Museu Nacional do Traje.

“Vestido-alvo” e “Vestido-vôo” ganharam forma na delicadeza do papel e estão à nossa disposição; podemos tocar-lhes, vesti-los, mirar-nos ao espelho e imaginar... E o que nos devolve o espelho? A fotografia é de novo chamada a cumprir a sua função de registar uma construção imagética: a participação dos múltiplos visitantes que, assim, são coautores da reelaboração de um “Vestido-Álbum”, onde as suas fotografias “à la minute” vão sendo penduradas. Deste ato

voluntário do visitante resulta uma exposição interativa e processual, em permanente mutação.

Estas fotografias, rubricadas ou com breves mensagens dos retratados, denunciam os sonhos e as novas personagens que, por momentos, eles ambicionaram ser quando entraram nos vestidos de Elaine. Porque teriam que ser apenas mulheres a experimentar esses “vestidos de noiva”? Surpreendentemente, o público masculino respondeu mais vezes que o conjeturado a esse desafio e, em diversas ocasiões, os universos feminino e masculino mesclaram-se e entrelaçaram-se. Porque a realidade nem sempre é bipartida, dia e noite, fato de noivo preto e vestido de noiva branco, marido e esposa, masculino e feminino, ...

“Mirar-Imaginar-Vestir” desencadeia múltiplas hipóteses de reflexão, atestando como as coleções dos museus inspiram a investigação que, por sua vez, ancora projetos criativos e potencia o entrecruzamento entre as perspetivas históricas e a contemporaneidade.

Modos de construir uma visualidade – memória; contágios entre a afetividade íntima e familiar com a do amor trágico adotado para herança nacional; a transformação pessoal operada pelo ato de vestir e apreciar a imagem refletida no espelho e fixada na fotografia. Vestir – afinal, verbo mais abrangente do que a ação de cobrir o corpo para agasalho e proteção; Vestir – para celebrar, mirar, imaginar; revelar, ocultar ou proibir...

Inaugurada e encerrada no âmbito da programação de eventos que procuraram sensibilizar para a Liberdade, a Igualdade de Direitos e de Género e para o apelo ao fim da Violência contra as Mulheres, esta exposição tornou-se num debate, que não é apenas passado, mas prossegue acutilante, ainda que tantas vezes camuflado por um “vestido de noiva” cintilante.

Ao fecharmos a porta da Sala de Destaque do Museu Nacional do Traje, esta permanece iluminada com a luz do coração de D. Inês de Castro. Essa miragem do coração pulsante num vestido de noiva etéreo, ciente ou inconscientemente, continua a nutrir tantas histórias de amor e encontros... que a materialidade dos objetos e das coleções dos museus aqui estão para entrelaçar e eternizar.

Lisboa, março 2023

Dóris Santos
Diretora do Museu Nacional do Traje, MNT

Uma tríade artística

Esta proposta revela os olhares de três artistas visuais numa atmosfera interdisciplinar. Moda, fotografia e instalação interativa estabelecem conexões na dimensão simbólica da criação e da reflexão, acerca do universo feminino na poética do matrimónio. Seus ritos, memórias, tradições culturais, afetividades, imaginários, contextos voláteis e eternos, envolvem o visitante em uma imersão lúdica na essência da indumentária de casamento.

O percurso visual estimulará o público nestas (Re)vivências.

Mirar: Memória e sentimento.

As imagens da artista Dani Remião surgem de uma elaborada investigação e criação, através de processos de impressão manual. Originam-se de memórias e das coleções de fotografias de familiares e do acervo do Museu Nacional do Traje. O namoro, a cerimónia e a família construída permeiam as suas obras.

Imaginar: O Não-casamento de Inês, o Vestido Invisível.

A artista Michele Augusto reflete a presença da invisibilidade - a alma - da personagem histórica, Inês de Castro. O Não-vestido translúcido e os corações escultóricos relicários fundamentam-se na literatura e nos figurinos do acervo do Museu Nacional do Teatro e da Dança.

Vestir: Entrelaces.

Três vestidos de noiva em papel e uma silhueta da figura humana fazem parte da obra interativa da artista Elaine Almeida. As suas referências são as *paper dolls* e as investigações no Museu Nacional do Traje.

As memórias individuais e coletivas, na perspetiva de Maurice Halbwachs, podem se adaptar às nossas perceções atuais. A arte possibilita estes dinamismos atemporais.

Privilegia-se, neste Catálogo, a voz e o protagonismo de cada artista sobre o processo artístico particular no desenvolvimento de suas obras.

Lisboa, novembro 2022

Cláudia Matoos
Curadora

Três palavras e uma exposição

Mirar, Imaginar e Vestir e são três palavras – três verbos – simbolizam muito para o *Homo sapiens* que somos. As artistas Elaine Almeida, Michele Augusto e Dani Remião, com a curadora Cláudia Matoos partiram para esse desafio ao nos proporem um amplo itinerário, na sala de exposições temporárias do Museu Nacional do Traje.

Cada verbo é uma ação. Mirar é um vocábulo que deriva do latim *miro*. Tem um significado de espantar, ou admirar. Imaginar tem a sua origem na palavra latina *imaginare*, que é o ato de criar imagens na mente. Vestir remete-nos para o termo latina *apparentia*.

Nestas três palavras há um desafio colocado pelas artistas e que a curadoria traduziu em uma narrativa. Temos três “estórias”, algumas vindas da História, outras da Memória, que se materializaram em objetos e obras. Encontramos três visões do nosso mundo e de percursos.

Nós, *Homo sapiens*, vivemos destas três palavras. Antes de mais, somos a nossa imaginação. A natureza dotou-nos de um cérebro, complexo com uma qualidade única que é a consciência e a capacidade de nos interrogarmos: De onde viemos? Onde estamos? Para onde vamos? Com a nossa imaginação criamos todo um mundo narrativo, que nos conduziu ao momento em que estamos. O imaginar, ou seja, criar imagens na mente, serviu para sobrevivermos do ponto de vista biológico e psicológico. Este mundo imaginativo é que nos comanda, em cada segundo da nossa existência. Em Imaginar, Michele Augusto leva-nos para a história onde a realidade e o mito se confundem, ou seja, a imaginação. Criou-se imagens e obras que nos unem e que despertam, em cada um, sentimentos e posições. Este é um convite de encontro. Pedro e Inês são nomes próprios. No entanto, quando unidos transportam sentimentos, que se expressam em histórias, em representações dessas histórias e em figurinos.

O Vestir é uma necessidade natural e social. Trata-se de uma aparência. Na natureza, esta conduz a uma sobrevivência física. Na humanidade acrescenta-se a sobrevivência social. Cada cultura encontrou os seus mecanismos. Cada acto da humanidade é transformado em uma aparência. Elaine Almeida observou um momento onde o vestir, ou seja, a aparência, é essencial: o casamento. Biologicamente é a ocasião que remete à continuidade da nossa espécie, como *Homo sapiens*. Em todas as culturas é um momento central de festa. As cores têm significado, não são meros adereços. Na natureza, a cor pode ser a diferença entre ser visto e desaparecer na paisagem, como também acasalamento. No ritual do matrimónio, a cor transporta sedução e valores. Na sedução, há o apelo afetivo e sexual. Nos valores, os significados são atribuídos por cada cultura. Esta artista coloca-nos nesse universo para nos observarmos, interagirmos e mudarmos a nossa aparência. É uma proposta que nos transforma. Surge a

interrogação: Somos nós? A fotografia capta e fixa o momento desta interação com a obra. Assumimos outra aparência, por breves instantes.

O Mirar é uma visão sobre o *ad mirar*, que leva a imaginar. A palavra mirar leva-nos para o exterior, isto é, o meio envolvente, a paisagem, e para o interior, de nós mesmos. Nesta proposta Dani Remião apresenta aos públicos esse diálogo. Há uma introspeção com um olhar sobre o muito que temos para descobrir na dimensão das Memórias. Imaginar, Vestir e Mirar formam uma narrativa onde somos convidados a nos descobrir. A curadora Cláudia Matoos uniu as histórias e organizou o espaço para nos conduzir a uma harmonia que é desafiante aos públicos. A visão sempre presente é o lado feminino do *Homo sapiens*.

Encontramos os olhares de quatro mulheres artistas que, a partir de três palavras, se uniram em uma exposição para revelar memórias e histórias.

Lisboa, março 2023

Luís Jorge Gonçalves

Coordenador do Mestrado de Museologia e Presidente do Conselho Pedagógico da
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, FBAUL

Mirar-Imaginar-Vestir

A Exposição	10
Mirar: Memória e Sentimento	12
Imaginar: O Não-casamento de Inês, o Vestido Invisível	20
Vestir: Entrelaces	28
Referências	36
Currículos Resumidos	37
Fichas Técnicas	38



A EXPOSIÇÃO



MIRAR

Memória e Sentimento

Dani Remião

Mirar. Apontar para o alvo. Ação do fotógrafo em busca da imagem. Fitar com atenção. Ação prolongada do observador que contempla com encantamento.

Neste trabalho, coloco-me em uma posição de espectadora, como se estivesse diante de um diário íntimo, Barthes (2012). Assim, deixo minha câmara de lado e me aproprio de imagens feitas por outros olhares. As recro demoradamente com as mãos, como quem acaricia afetos.

O processo de criação tem como materialidade o objeto de investigação no doutoramento na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, as caixas de fotografia de família, entendidas como as coleções de fotografia que retratam memórias familiares.

Há pelo menos um século as câmaras fotográficas vêm instituindo uma íntima relação com a vida em família. Bourdieu (1965) observa que a fotografia, ao concentrar-se como forma de registo dos momentos familiares, tem função de solenizar e eternizar os grandes momentos da vida em família, reforçar a integração do grupo familiar reafirmando o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. Dessa forma, cada uma das imagens de nossa coleção familiar representa um momento, um instante, uma fração de segundo eternizada, imortalizada e, contraditoriamente, esquecida. Ao organizar estas imagens permitindo o resgate de histórias familiares, atividade realizada por mulheres na maioria dos lares, a curadora do nosso álbum de família nos oportuniza a aproximação de nós mesmos e de nossos afetos, levando-nos ao encontro da nossa própria história e da nossa verdade. Para esse efeito, Barthes atesta que a Fotografia tem alguma coisa a ver com a ressurreição.

A foto do ser desaparecido vem me tocar como os raios retardados de uma estrela. Uma espécie de vínculo umbilical liga a meu olhar o corpo da coisa fotografada: a luz, embora impalpável, é aqui um meio carnal, uma pele que partilho com aquele ou aquela que foi fotografado (Barthes, 2012, p. 75).

Neste sentido, Silva (1997) reflete sobre o sagrado nas imagens fotográficas, dizendo que o álbum de família pode promover o sentido mais profundo da fotografia. Ver o álbum com as imagens de pessoas que já não estão entre nós, dá ao arquivo da família seu sentido mais peculiar e eloquente, nos transporta para outro tempo, passado, para outro espaço que recordamos, e para outra dimensão imaginária, a sobrenatural, para então nos mostrar o mais sagrado da vida: somos seres mortais e é por isso que recordamos. Segundo Lima (2016), a partir da década de 1970, as fotografias de família deixaram de ser apenas um meio de registar e guardar lembranças dos familiares, passando a ser também material para a arte. Da caixa de sapatos para o ateliê do artista, do álbum para a galeria, da intimidade do seio da família para o circuito institucionalizado da arte.

Ao pensar sobre as potencialidades poéticas das fotografias de família, o interesse por essas imagens como materialidade artística surge da minha experiência e das tensões entre passado e presente, ausência e presença, esquecimento e memória, documento e a arte que essas imagens geram.

Na exposição, o visitante percorre três momentos: o namoro, a cerimónia do matrimónio e a nova família construída. Me aproprio de fotografias pessoais, e a partir do encontro dos meus pais, Inês e Gilberto, trago o amor de uma família expresso através de imagens.





Enamorados

Fotografia: sublimação sobre tecido
120x80 cm (cada imagem)
2022



(Re)vestido de noiva

Fotografia: cianotipia sobre papel
Dimensões variáveis
2022

Enamorados

O namoro: A exposição inicia com o trabalho Enamorados, que traz a fotografia presenteada como prova de amor. A obra é composta por duas fotografias, uma da minha mãe e uma do meu pai, e uma imagem de Santo António, que se entrelaçam em sobreposição. Encontrei estas duas fotografias no início deste ano de 2022 nos pertences da minha mãe, dentro de um pequeno envelope, voltadas uma para a outra, junto a elas, um santinho. São meus pais jovens, ainda solteiros. Na fotografia do meu pai, uma dedicatória à minha mãe. As fotografias foram escaneadas e passaram por um processo de restauração digital. E então, impressas na coloração em que se encontram, sépia. A imagem de Santo António também é impressa em tons de marrom, cor dos trajes dos franciscanos. Expressam o início do enlace e a fé em Santo António, conhecido como casamenteiro, que se tomou o santo mais próximo da minha família, ao qual meus pais sempre foram devotos.

(Re)vestido de noiva

A cerimónia: Em (Re)vestido de noiva, uma representação de corpo feminino envolto por longo véu de 7 metros de tule é revestido por várias fotografias de casamento. As imagens foram impressas utilizando a Cianotipia, processo artesanal do século XIX que produz imagens em tons de azul. O casamento entendido como matrimónio, do latim *matrimonium*, associado aos vocábulos *mater*, que se refere à mãe e, *monium*, em alusão a um ato formal ou ritual. O azul simbolizando Maria, representativo das noivas que se preparam para a maternidade. Maria, o primeiro nome da minha mãe. Uma fotografia do casamento dos meus pais, ocorrido em 16 de dezembro de 1967 no Brasil, se une a imagens de noivas de diferentes épocas encontradas na coleção de fotografia do Museu Nacional do Traje. Ao interligar a exposição artística com o acervo do Museu, busca-se despertar o observador para a importância da preservação dos acervos familiares.

Varal de afetos familiares

A família: Este último trabalho, Varal de afetos familiares, faz uma analogia ao varal de roupa, sempre presente em uma casa habitada por uma família, e o varal fotográfico, ambiente do processo de criação destas imagens, que é trazido para a exposição. As fotografias dos três filhos do casal quando crianças, foram impressas em Cianotipia sobre tecido e expostas em um varal. As fotografias originais foram feitas nas décadas de 60, 70 e 80, no primeiro ano de cada um dos filhos, João Henrique, Daniela e José Antônio, e amorosamente guardadas pela mãe. Complementando a obra, o pensamento inscrito em uma placa que decora até hoje a parede da sala da casa da família.



Varal de afetos familiares

Fotografia: cianotipia sobre tecido
60x50cm (cada imagem)
2022



IMAGINAR

□ Não-casamento de Inês, o Vestido Invisível
Michele Augusto

O projeto representa a alma de Inês de Castro, personagem que combina a base histórica e a persistência mística mantida ao longo dos séculos, pertencente à casa real portuguesa do período medieval (entre 1340 e 1355), sendo a segunda esposa do rei D. Pedro I. A narrativa visual do projeto artístico se baseia no romance do casal, que segundo alguns cronistas descreveram, iniciou-se anos antes da morte de D. Constância em 1349.

D. Pedro e D. Inês apaixonaram-se quase de imediato, iniciando uma relação amorosa clandestina repleta de mistérios, que se mais tarde viria a se revelar trágica. D. Inês de Castro morreu em 7 de Janeiro de 1355, degolada, como convinha a pessoa da sua condição, conforme o registo exarado no Livro da Noa, 'crónica breve' elaborada pelos Frades Crúzios" (Inês de Castro/Fundação Inês de Castro, s.d.).

Sua morte se deu pelas mãos de Pero Coelho, Álvaro Gonçalves, Diogo Lopes Pacheco em Santa Clara nos jardins da Quinta das Lágrimas em Coimbra, onde o casal mantinha as suas secretas reuniões. Conforme a lenda, as lágrimas derramadas no rio Mondego pela morte de Inês teriam criado a Fonte das Lágrimas, da Quinta das Lágrimas, e algumas algas avermelhadas que ali crescem seriam o seu sangue derramado, ainda "de acordo com a lenda, o sangue de D. Inês ainda mancha o fundo de pedra da Fonte, e que ainda se ouve o seu choro nos jardins da Quinta das Lágrimas, eternamente à procura de Pedro, o seu amor perdido" (Inês de Castro/Fundação Inês de Castro, s.d.).

Fernão Lopes criou uma atmosfera de dúvida no imaginário póstumo do casal ao evidenciar a legitimidade do casamento, "[...] e não ser duvida a alguns, que do dito recebimento tinham não boa suspeita se fora assim ou não: que ele dava de si fé e testemunho de verdade, que assim se passara de feito como dito havia" (As Crônicas de Fernão Lopes, 1969, s.p.). Ainda reforça tal negativa na passagem que indica que

o casamento não foi exemplado a todos os do reino em vida do dito rei D. Affonso, por medo e receio que seu filho d'elle havia, casado de tal guisa sem seu mandado e consentimento, porém agora el-rei, nosso senhor, por desencarregar sua alma e dizer verdade e não ser duvida a alguns que d'este casamento parte não sabiam se fôra assim ou não[...] (As Crônicas de Fernão Lopes, 1969, s.p.).

O trabalho desenvolvido para a Exposição, utilizou como referenciais o "matrimónio as secretas" descrito na literatura e como o não casamento público do herdeiro do trono ficou registado no imaginário popular. Adicionadas as visões cênicas de Inês e Pedro como elemento formador deste imaginário. Para tal efeito, nos inspiramos nos desenhos de figurinos e trajes de cena que fazem parte do acervo do Museu Nacional do Teatro e da Dança. Dentre as diversas representações do romance destacamos o Bailado Inês de Castro (da Companhia de Bailados Verde Gaio), os desenhos de figurinos de José Barbosa (para as personagens de Inês, Pedro e as Aias) e as fotografias de Francis Graça e Ruth Walden (interpretando D. Pedro e Inês de Castro), utilizadas no painel de referências iconográficas do processo.





O Não-casamento de Inês de Castro

Conceptboard: desenhos | colagem digital

70x100cm

2022



O Não-vestido de Inês de Castro

Objeto: tule | fita adesiva | arroz | luz de led

Dimensões variáveis

2022



Corações Relicários: A força do sentimento

Escultura: papel | lã | esferovite

Dimensões variáveis

2022

O conceptboard, O Não-casamento de Inês de Castro

Sintetiza a força sensível das conexões de signos obtidos através de fios condutores linguísticos e visuais, ao sentido de “projetar as formas familiares” (Gombrich, 2007) por meio de mensagens associadas (Barthes, 2005) de maneira simbólica e sensível através do conceptboard e o traje instalação. O ato criador baseou-se na representação imagética do túmulo e das narrativas lendárias, na ligação dos amantes para além vida, a santificação da figura feminina sacrificada, a questão política de sua posição diante das relações da corte, sendo assim representada com a rainha branca do jogo de xadrez uma vez que este jogo está presente no túmulo do casal, em Alcobaça (construído entre 1358 e 1367), na qual contém a roda da vida, dentro deste gira a roda da fortuna que conta-nos a história de Inês e Pedro vista pelos olhos do próprio rei (até que a morte nos separe, sem data). Na composição escultórica contém uma cena de harmonia conjugal na qual o casal joga xadrez, conforme apontado por Isabel Stilwell (2021) em seu romance histórico sobre o casal.

O Não-vestido de Inês de Castro

O objeto utilizou-se das reservas do corpus linguístico das narrativas, do repertório das crônicas e de romances, assim como de aspetos plásticos das criações de figurinos da coleção do acervo, convertidos em imagens que reflitam o caráter sensível do drama histórico. buscamos captar aspetos peculiares de criação dos figurinos das narrativas cênicas que relatam o romance de “D. Pedro e D. Inês”, a indumentária trecentista, a estilização da forma de estética modernista, corpos mais afinados e alongados. Aliados a suavidade de movimentação dos corpos dos bailados, a se inspirar em registos de *Les Grand Ballets Canadiens* e Grupo Gulbenkian de Bailados, entre outras do acervo de Armando Jorge (MNTD, arquivos de Armando Jorge).

O Não-vestido pretendeu representar a perspectiva imaginativa de uma cena deste possível matrimônio às secretas descrito nas crônicas, e como podemos dar vista a esta imagem mental. O vestido translúcido apresenta o conceito da criação da forma, da indumentária do rito posto à prova. O traje instalação representa a alma da personagem. Os nós que formam o coração marcam a força da alma de Inês que transborda da figura translúcida, tanto em volume quanto em luminância, através do artifício material da luz interna na posição coronária do corpo.

Corações Relicários

A força do sentimento, elemento escultórico, representa um relicário de força e espiritualidade, associadas ao conflito régio e o amor que venceu a morte, “raramente se encontrou em alguém um amor tão grande como aquele que el-rei D. Pedro teve a D. Inês, [...] não há amor tão verdadeiro como aquele ao qual o grande espaço de tempo não faz perder da memória a pessoa amada que morreu” (As crônicas de Fernão Lopes, 1969). Os nós que formam o coração marcam a força da alma de Inês.



VESTIR

Entrelaces
Elaine Almeida

Neste percurso propomos experimentar sensações/sentimentos através do contato com trajes elaborados em papel, com objetivo de lembrar e/ou criar afetos e vivências através dos sentidos, o que oportuniza, ao espectador, visões exploratórias, com novas perspectivas, integrando-o enquanto participante da obra. Abarcamos, neste ínterim, olhares sobre os matrimônios, visões de histórias de vida e suas experimentações, o que propicia reflexões diversas sobre o que, culturalmente, foi entendido como o destino da mulher.

O casamento é um dos ritos de passagem mais importantes, carregado de valores simbólicos – construídos socialmente – com lugar de destaque na maioria das sociedades. Nas celebrações dos casamentos, a noiva desempenha papel de destaque, “o vestido de noiva é o traje mais caro, glamoroso e especial que uma mulher irá vestir em toda a sua vida.” (Worsley, 2010, p.12).

Ao observarmos os registos de trajes de noiva da cultura ocidental, vimos que em sua maioria, as noivas se vestem de branco. No entanto,

O vestido preto era, na Europa dos séculos 16 e 17, o preferido pela aristocracia de países como a Inglaterra, Irlanda e Espanha [...] usado no dia do casamento, tido como “fino” e elegante, servia, como já foi dito, para ser usado pela sua proprietária durante toda a vida em eventos como batizados, cultos... (Hammes, 2014, p. 232).

O registo mais antigo de traje de noiva branco – inspirado no ideal clássico das representações das deusas antigas – foi o vestido de casamento de D. Maria II, de Portugal (1836). Entretanto, a cor branca, dos trajes de noivas, só se popularizou após o casamento da rainha Vitória, da Inglaterra, em 1840 (Teixeira, 1996, p. 39), quando se tornou referência, com grande influência no ao campo da moda.

Os primeiros estudos sobre trajes de noivas, do Museu Nacional do Traje, foram documentados no catálogo Traje de Noiva 1800-2000 e publicados pelo Instituto Português de Museus. O catálogo se baseou na exposição de mesmo título e apresenta estudos formais das peças inventariadas, acrescidos de informações documentais sobre a aquisição das peças, a curadoria e o setor de restauro (Teixeira, 1996, p. 9).

A investigação realizada no referido Museu (de 06/04 a 28/07/2022), para a criação da instalação, utilizou como corpus visual, documental e de captação de dados, os trajes do acervo, as representações iconográficas das ilustrações e das fotografias. No decorrer das investigações analisamos 37 trajes de noivas – com datação entre 1838 e 1969 – dentre os quais, elencamos dois exemplares para o projeto artístico.

A proposta artística do Vestir: Entrelaces, utiliza como referência as *paper dolls*, bonecas de papel – acompanhadas de roupas que poderiam ser trocadas – vendidas em bancas de jornais, muito populares nas décadas de 1970 e 1980 (Nogueira, 2022).





Vestido-alvo
Objeto: técnica mista | papel
Dimensões variáveis
2022



Vestido-voo
Objeto: técnica mista | papel
Dimensões variáveis
2022



Vestígios

Escultura: papel | impressão fotográfica
Dimensões variáveis
2022

Vestido-álbum

Obra interativa: papel | fotografia
Dimensões variáveis
2022

O Vestido-alvo

Inspirado no vestido de cor creme, do acervo do MNT – inventário número 1136. Confeccionado em papel, representa a força do feminino, com referência à Deusa nórdica Freya, líder das valquírias – símbolo da mulher guerreira, lutadora. Deusa do amor – associada à fertilidade, à sabedoria, à música, às flores, à luxúria, à beleza, à riqueza, à guerra e à morte.

O Vestido-voou

Inspirado em vestido, de cor preta, do acervo do MNT – inventário número 38783, tem como referência os vestidos pretos, utilizados como trajes de noivas até meados do século XIX. Confeccionado em papel, o vestido tem como referência a Deusa nórdica Freya – que possui um manto de pena de falcão, o que lhe permite voar entre os nove mundos e se transformar em um pássaro – e simboliza a liberdade.

Escultura Vestígios

Confeccionada em papietagem e pasta de papel, foi revestida com imagens dos trajes investigados no acervo do Museu Nacional do Traje. A silhueta humana parte das representações do vestir e abarca os tempos das criações das peças. Os registros do acervo se configuram como um símbolo de salvaguarda da memória, elementos necessários e de extrema relevância para a compreensão da história cultural, pois se constitui como evidência histórica de um povo.

O Vestido-álbum

Obra Interativa que veste a escultura Vestígios, elaborado em papel – construída na interação e no decurso da exposição, tendo os visitantes como cocriadores, que afixaram as suas fotografias, elaboradas com uma câmara *Polaroid*, disponibilizada pela artista na inauguração da exposição e em visitas comentadas – e/ou com envio de fotografias pela *web*, por meio de *QR Code*, na integração da obra.

REFERÊNCIAS

- Alvarez, J. C., Mineiro, C.; (2005) *Portugal. Museu Nacional do Teatro - Museu Nacional do Teatro: roteiro*. Instituto Português de Museus.
- Alvarez, J. C. (2010). *Museu Nacional do Teatro*. Quidnovi.
- As crônicas de Fernão Lopes. (A. J. Saraiva, Trad.). (1969). Portugalia.
- Barthes, R. (2005). *Inéditos: Imagem e moda* (Vol. 3). Martins Fontes.
- Barthes, R. (2012). *A câmera clara: nota sobre a fotografia*. Nova Fronteira.
- Bourdieu, P. (1965). *Um Art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie*. Minuit.
- Burke, P. (2004). *Testemunha ocular – história e imagem*. EDUSC.
- Clark, A., Willis T. (1995). *Runas. Interpretação, Simbolismo e Adivinhação*. Pensamento.
- DGPC. Museu Nacional do Teatro e da Dança. (s.d.). <https://www.patrimoniocultural.gov.pt>
- DGPC. Museu Nacional do Traje. (s.d.). <https://www.patrimoniocultural.gov.pt>
- Ferreira, A. E., Padreda, L. C. F. (2021). *Inês de Castro — Sob o prisma do computador e da psicanálise—Uma análise bilíngue*. International Press.
- Figueiredo, P. J. de. (1817). *Retratos e elogios dos varões e donas que ilustraram a nação portuguesa em virtudes, letras, armas, e artes, assim nacionais, como estranhos, tanto antigos, como modernos, oferecidos aos generosos portugueses*. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. <https://bdib.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/267269>
- Gombrich, E. H. (2007). *Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica*. Martins Fontes.
- Google Arts & Culture (s.d.). <https://artsandculture.google.com>
- Lima, D. F. de (2016). *Fotografia de família: entre objeto de recordação e material para arte contemporânea*. Prospectiva.
- Meyerhold, V. (2012). *Do Teatro*. Iluminuras.
- Museu Nacional do Traje (s.d.). <http://www.museudotraje.gov.pt>.
- Muxagata, A. F. C. (2019). *A corte de D. Pedro I (1320- 1367)* [MasterThesis, Universidade de Lisboa]. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/40806>
- Nogueira, N. (s.d.) *As meninas e suas “paper dolls”*. <https://historia-hoje.com/as-meninas-e-suas-paper-dolls>
- Ostrower, F. (2010). *Criatividade e processos de criação*, (25ª ed.) Vozes.
- Salles, C. A. (2011). *Gesto inacabado: processo de criação artística*. (5ª ed.) Intermeiões.
- Silva, A. (1997). *Lo sagrado de la fotografía: en el álbum familiar*. In: Bulhões, M. A., Kern, M. L. B. (org.) *As questões do sagrado na arte contemporânea da América Latina*. Editora da UFRGS.
- Stilwell, I (2021). *Inês de Castro*. (8ª ed.) Planeta dos Livros.
- Teixeira, M. B. (Org.) (1996). *Traje de Noiva. Portugal*. Instituto Português de Museus.
- Worsley, H. (2010). *O vestido de noiva*. Publifolha.

CURRÍCULOS RESUMIDOS

Cláudia Matoos é artista visual, doutorada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ/Brasil (2015). Mestre em Ciência da Religião, com Licenciatura e Bacharelado em Educação Artística pela Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF/Brasil. Membro da Direção da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, investigadora do Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes da Universidad, CIEBA-ULisboa (desde 2016), participando na organização de Congressos, comitês científicos e produções acadêmico-científicas. Professora convidada de Desenho na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa (2013-2016) e no Curso Superior de Design no Instituto Superior Politécnico Tundavala, em Angola (2022).

Dani Remião é fotógrafa, investigadora bolsista da FCT, doutoranda na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, FBAUL, mestre em Artes Visuais (2018) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS/Brasil, bacharel em Informática (1994) e mestre em Ciência da Computação (1999) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS/Brasil. As suas principais linhas de investigação são Processos Fotográficos Históricos e Alternativos, As Mulheres na Fotografia e Álbuns de família. Membro do Conselho Científico da Atena Editora. Membro do Comitê de Poéticas Artísticas da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas do Brasil, ANPAP. Membro do CIEBA-ULisboa e do ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA.

Elaine Almeida é artista plástica, doutoranda em Belas-Artes na FBAUL, investigadora do CIEBA-ULisboa e bolsista da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa. Atuou como professora convidada do Curso Superior em Produção Cultural, pela Universidade Federal Fluminense, UFF/Brasil (2003-2004), professora no Curso Superior em Artes Visuais, pela Universidade Federal do Espírito Santo, UFES/Brasil (2014-2018), professora convidada do Curso Superior em Design, UFES/Brasil (2017) e professora do Centro de Formação dos Profissionais da Educação, da Secretaria de Estado da Educação, SEDU/ES/Brasil (2010-2020). Curadora da Exposição “Finalistas de Pintura 2019-2020”, FBAUL, realizada na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa, em 2021.

Michele Augusto é designer de figurinos e de moda, doutoranda em Belas-Artes na FBAUL, investigadora bolsista FCT associada ao Museu Nacional do Teatro e da Dança de Portugal, MNTD e ao CIEBA-ULisboa. Mestre em Artes Visuais pela UFRJ/Brasil em estudos de Imagem e Cultura, Graduação em Artes Cênicas - Indumentária pela UFRJ/Brasil. Especializações e trabalhos em Fashion Design Creative Techniques e em figurinos de teledramaturgia. Atuou como docente de Moda na FAETEC – RJ/Brasil e Artes Cênicas Escola de Belas Artes da UFRJ/Brasil. Membro associada Grafias da Cena (Organização Internacional de Cenógrafos, Arquitetos e Técnicos de Teatro, OISTAT/Brasil), Associação Portuguesa de Cenografia, APCEN (Centro OISTAT/Portugal).

FICHA TÉCNICA

EXPOSIÇÃO

Mirar-Imaginar-Vestir

Dani Remião, Elaine Almeida,
Michele Augusto

Curadoria

Cláudia Matoos

Produção, Textos e Montagem

Cláudia Matoos, Dani Remião, Elaine
Almeida, Michele Augusto

Organização e Comunicação

Ministério da Cultura/Direção-Geral
do Património Cultural/Museu
Nacional do Traje
Faculdade de Belas-Artes
Centro de Estudos e de Investigação
em Belas-Artes da Universidade de
Lisboa

Serviço Educativo

Museu Nacional do Traje

*Este trabalho é financiado por fundos
nacionais através da FCT – Fundação
para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no
âmbito do projeto UIDB/04042/2020.*

CATÁLOGO

Mirar-Imaginar-Vestir

Curadoria

Cláudia Matoos

Textos

Cláudia Matoos, Dani Remião, Doris
Santos, Elaine Almeida, Luís Jorge
Gonçalves, Michele Augusto

Design e Fotografias

Elaine Almeida e Michele Augusto

Organização

Ministério da Cultura/Direção-Geral
do Património Cultural/Museu
Nacional do Traje
Faculdade de Belas-Artes
Centro de Estudos e de Investigação
em Belas-Artes da Universidade de
Lisboa

ISBN: 978-989-8944-88-7;

Título: Mirar-Imaginar-Vestir;
Autor: Cláudia Matos; Co-autor(es):
Dani Remião + Elaine Karla de
Almeida + Michele Augusto;
[Suporte: Eletrónico]; [Formato: PDF
/ PDF/A]

Lisboa, março 2023

FICHA TÉCNICA

MUSEU NACIONAL DO TRAJE

Direção

Dóris Santos

Apoio à investigação

Dina Dimas
Elsa Mangas Ferraz
Xénia Ribeiro

Apoio museográfico

Vítor Oura
Paulo Sérgio Pinto
Avelino Sardinha

Comunicação

Cândida Caldeira
Filomena Barata
Teresa Abreu

Secretariado e apoio administrativo

Alcina Fernandes
Manuela Santos

Vigilância e manutenção

Vítor Oura
Avelino Sardinha
Nuno Sousa
Paulo Sérgio Pinto
Otávia Malheiros

Apoio



